

AULA 14: 14/11

(1) Aristóteles, *Poética*, 1447b9-13, trad. Daniel R. N. Lopes:

Pois não possuímos uma denominação comum para os mimos de Sófron e Xenarco e para os discursos socráticos [τοὺς Σωκρατικούς λόγους], tampouco quando a imitação é feita mediante trímetros, versos elegíacos ou outros versos semelhantes.

(2) Ateneu, *Deipnosophistae*, 11.112.36-113.3, trad. Daniel R. N. Lopes:

Em seu livro *Sobre os Poetas*, Aristóteles diz o seguinte: “portanto, não consideremos que sejam discursos e imitações em metro os chamados mimos de Sófron ou os diálogos socráticos [τῶν Σωκρατικῶν διαλόγων] escritos por Alexandre de Téos, o primeiro a compô-los”. Aristóteles, cujo conhecimento é o mais amplo e diversificado, afirma categoricamente que Alexandre escreveu diálogos [διαλόγους] antes de Platão. Platão, por sua vez, censura não apenas o sofista Trasímaco da Calcedônia, afirmando que ele se assemelha ao próprio nome, como também Hípias, Górgias, Parmênides e muitos outros em um único diálogo, o *Protágoras* [...]. Dizem que inclusive Górgias, quando tomou conhecimento do diálogo homônimo, disse a seus amigos: “como Platão sabe compor bem iambos!”.

(3) Diógenes Laércio, *Vidas* 3.48, trad. Daniel R. N. Lopes:

Diálogo [διάλογος] é um discurso constituído de perguntas e respostas a respeito de algum tema filosófico ou político, acompanhado de uma caracterização apropriada das personagens escolhidas e de um arranjo da elocução. Dialética [διαλεκτική], por sua vez, é uma técnica argumentativa, por meio da qual refutamos ou estabelecemos algo mediante perguntas e respostas dos interlocutores.

(4) Aristófanes, *As Nuvens*, vv. 112-118, trad. Daniel R. N. Lopes:

ESTREPSÍADES

Dizem que eles têm dois discursos,

o forte, seja ele qual for, e o fraco.

Um desses discursos, o fraco, dizem eles,
vence em defesa das causas mais injustas.

Se então aprendesses para mim o discurso injusto,
dessas dívidas que hoje tenho por tua causa
nada pagaria, nem mesmo um óbolo.

(5) Aristófanes, *As Nuvens*, vv. 223-234, trad. Gilda Starzynski:

ESTREPSÍADES

Em primeiro lugar, eu lhe peço, explique-me o que está fazendo.

SÓCRATES

Ando pelos ares e de cima olho o Sol.

ESTREPSÍADES

Ah, então você olha os deuses aí de cima, do alto de uma peneira e não
daqui da terra, se é que se pode...

SÓCRATES

Pois nunca teria encontrado, de modo exato, as coisas celestes se não
tivesse suspenso a inteligência e não tivesse misturado o pensamento
sutil com o ar, seu semelhante. Se, estando no chão, observasse de
baixo o que está em cima, jamais o encontraria. Pois de fato a terra,
com violência atrai para si a seiva do pensamento. Padece desse mesmo
mal até o agrião...

(6) Aristóteles, *Retórica*, II, 1402a17-28, trad. Daniel R. N. Lopes:

A *Arte* composta por Córax parte desse tópico: se a culpa por um assalto não
recair sobre alguém porque é fraco, ele escapará da acusação, pois é
inverossímil que ele seja culpado; e se a culpa recair sobre alguém porque é
forte, também ele escapará da acusação, pois é inverossímil que ele seja
culpado na medida em que seria verossímil que ele parecesse ser o culpado.
E o mesmo vale também para os demais casos, pois é necessário que a culpa
recaia ou não recaia sobre alguém. Ambos os casos então parecem
verossímeis, mas o primeiro é o verossímil, ao passo que o segundo não o é
diretamente, mas como foi enunciado. *Isso é tornar forte o discurso fraco*
[τὸ τὸν ἥττω δὲ λόγον κρείττω ποιεῖν] e a razão pela qual os homens se
indispuseram de modo justo contra o dito de Protágoras; pois é uma
falsidade e não é verdadeiro, mas aparentemente verossímil, próprio de
nenhuma outra arte senão da retórica e da erística.

(7) Diógenes Laércio, *Vidas* 2.18, trad. Daniel R. N. Lopes:
Parecia que [Sócrates] ajudava Eurípidas em suas composições;
por isso Mnesíloco diz o seguinte:

Os Frígios são o novo drama de Eurípidas,
... no qual também Sócrates

mete lenha.

e diz também,

as socráticas emendas eurípidianas¹.

E Cálías em *Os Prisioneiros*:

A. Mas por que tu és assim tão altiva?

B. Porque me é lícito: Sócrates é o culpado².

E Aristófanes em *As Nuvens*:

É ele que compõe para Eurípidas

as sábias tragédias, cheias de tagarelice³.

(8) Diógenes Laércio, *Vidas* 1.13-14, trad. Mário da Gama Kury:

Na realidade a filosofia teve uma origem dupla, começando com Anaximandro e Pitágoras. O primeiro foi discípulo de Tales, enquanto Pitágoras recebeu lições de Ferecides. Uma das escolas filosóficas chamou-se jônica porque Tales, um milésio e portanto um jônio, instruiu Anaximandro; a outra chamou-se itálica por causa de Pitágoras, que filosofou a maior parte de sua vida na Itália. [...] De um lado a sucessão passa de Tales a Anaximandro, Anaxímenes, Anaxágoras e Arquelaus até Sócrates, introdutor da ética na filosofia [ὁ Ἰωνικὸς ἢ ἰταλικὸν εἰσαγωγῶν].

(9) Platão, *Apologia de Sócrates* 19d-20c, trad. Daniel R. N. Lopes:

Mas nada disso procede, e se ouvistes de alguém que eu tento educar os homens em troca de dinheiro, tampouco isso é verdadeiro. Pois parece-me deveras belo que alguém seja capaz de educar os homens, como Górgias de Leontine, Pródico de Céos e Hípias de Élida. Cada um deles, ó homens, indo de cidade em cidade, é capaz de persuadir os jovens, que podem conviver de graça com qualquer concidadão à sua escolha, a abandonar o

convívio com os seus e a passar a conviver com eles mediante pagamento, ficando ainda por cima agradecidos. Aliás, encontra-se entre nós outro sábio, oriundo de Paros, o qual, segundo soube, está visitando nossa cidade; pois deparei-me com um homem que tem despendido com sofistas mais dinheiro do que todos os demais, Cálías, filho de Hipônico. [...] De minha parte, eu me orgulharia e ensoberbeceria se conhecesse tais coisas; porém as desconheço, ó atenienses.

(10) Platão, *Apologia de Sócrates* 21b-d, trad. Daniel R. N. Lopes:

Tempos depois, embora relutante, volvi-me para uma investigação deste tipo: dirigia-me a um homem que parecia ser sábio para, assim, refutar o oráculo e mostrar a ele que “Este homem é mais sábio do que eu, embora tu afirmes o contrário”. Examinando, então, esse homem – não preciso referir seu nome, mas era um dos políticos com o qual, investigando e dialogando, ó atenienses, tive uma experiência do gênero – pareceu-me que este homem parecia ser sábio à grande massa de homens e, sobretudo, a si mesmo, sem sê-lo. Em seguida, tentava lhe mostrar que ele presumia ser sábio, embora não o fosse. Como consequência, tornava-me odiável a este e aos demais homens que estivessem ali presentes. Depois de partir, então, refletia comigo mesmo que mais sábio do que este homem eu sou; é provável que nenhum de nós conheça algo de belo e bom, mas ele presume saber algo, embora não o saiba, enquanto eu, porque não sei, tampouco presumo saber. É plausível, portanto, que em alguma coisa, ainda que diminuta, seja eu mais sábio do que ele, precisamente porque o que não sei, não presumo sabê-lo.

<u>Primeiros Diálogos</u>	<i>Apologia de Sócrates, Críton, Hípias Menor, Hípias Maior</i> (discutível), <i>Íon, Laques, Cármides, Eutífron, Lísias, Alcibiades I, Alcibiades II</i> (discutível), <i>Protágoras, Górgias, Menéxeno</i> .
<u>Diálogos Intermediários</u>	<i>Clitofonte</i> (?), <i>Mênnon*</i> , <i>Fédon*</i> , <i>Eutidemo*</i> , <i>Banquete*</i> , <i>República, Crátilo*</i> , <i>Fedro</i> .
<u>Últimos Diálogos</u>	<i>Teeteto**</i> , <i>Parmênides**</i> , <i>Sofista, Político, Filebo, Timeu, Crítias e Leis</i> .

¹ Teleclides, frs. 39 et 40 *C.A.F.* I p. 218.

² Cálías, fr. 12 *C.A.F.* I p. 696.

³ Aristófanes, *As Nuvens* (*primeira versão*), fr. 376 *C.A.F.* I p. 490.

* Na divisão proposta por Kahn (*Plato and the Socratic Dialogue*. Cambridge University Press, 1996), pertenceriam ao primeiro grupo.

** Na divisão proposta por Kahn (1996), pertenceriam ao segundo grupo.